

## Entre a lama e a palavra: ecocrítica, degradação ambiental e exclusão social em *O cão sem plumas*

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos (IFPB, Campus Monteiro).

E-mail: [adaylson.vasconcelos@ifpb.edu.br](mailto:adaylson.vasconcelos@ifpb.edu.br).

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.00.00.00-2 Linguística, Letras e Artes.

Palavras-chave: Ecocrítica; João Cabral de Melo Neto; degradação ambiental; exclusão social; literatura brasileira; rio Capibaribe.

### 1. Introdução

A ecocrítica, campo interdisciplinar que investiga as relações entre literatura e meio ambiente (Rueckert, 1978), encontra em *O cão sem plumas* (1950), de João Cabral de Melo Neto, uma obra fundamental para discutir a degradação ambiental como espelho do caos social. O poema, centrado no rio Capibaribe, transcende a mera descrição geográfica para revelar uma simbiose entre a paisagem degradada e a condição humana marginalizada. Desde os primeiros versos, o rio é apresentado como “líquido espesso” e “cão humilde”, imagens que fundem a materialidade poluída das águas à vulnerabilidade dos corpos que dela dependem: “O rio ora lembrava / a língua mansa de um cão, / ora o ventre triste de um cão” (Melo Neto, 2012, p. 15). Essa antropomorfização não é apenas um recurso estilístico, mas uma denúncia de uma ecologia do abandono, em que natureza e sociedade compartilham a mesma lógica de descarte.

A lama, elemento central na construção da paisagem cabralina, opera como metáfora da indistinção entre sujeito e ambiente. O poeta descreve o Capibaribe como espaço “onde a terra / começa da lama; / onde o homem, / onde a pele / começa da lama” (Melo Neto, 2012, p. 23), dissolvendo as fronteiras entre corpo humano e matéria residual. Esse processo de fusão revela uma ecopoética da precariedade: assim como o rio é despojado de sua vitalidade (“Nada sabia da chuva azul, / da fonte cor-de-rosa”) (Melo Neto, 2012, p. 15), os ribeirinhos são reduzidos a cães sem plumas, expressão que condensa a exposição à violência ambiental e social. O poema, aqui, permite uma leitura ecocrítica que identifica, na linguagem fragmentada e nas metáforas cortantes, um projeto estético que espelha a erosão dos ecossistemas e das relações humanas.

A degradação ambiental no poema não é um cenário passivo, mas agente ativo de desumanização. O Capibaribe transforma-se em espaço de desova de situações, coisas e pessoas que a sociedade vê como descartáveis ou mesmo desprezíveis, imagem que associa a poluição das águas à exclusão dos marginalizados. A lama, descrita como “mucosa”, adquire dupla função: é simultaneamente resíduo físico e símbolo da invisibilidade social. Os habitantes do rio, seja em razão do ofício na busca por sobrevivência, seja pela permanência em local insalubre, veem-se imersos numa realidade como se caranguejos fossem – “Sabia dos caranguejos / de lodo e ferrugem” (Melo Neto, 2012, p. 15) –, numa adaptação forçada que revela como a crise ecológica redefine gestos, corpos e subjetividades. A ecocrítica evidencia, assim, que a catástrofe ambiental não é um evento natural, mas político.

João Cabral constrói uma crítica feroz ao desenvolvimento predatório ao associar a estagnação do rio à estagnação social. As áreas marginalizadas descritas no poema – onde “a cidade é passada pelo rio / como uma rua / é passada por um cachorro” (Melo Neto, 2012, p. 15) – expõem a cumplicidade entre urbanização desordenada e negligência estatal. A flora do Capibaribe, “abre-se em flores / pobres e negras / como negros” (Melo Neto, 2012, p. 16), estabelece uma equivalência entre a vegetação empobrecida e a população subalternizada, tema que antecipa debates contemporâneos sobre justiça ambiental. A ecocrítica, neste ponto, revela-se ferramenta para decifrar como hierarquias sociais se inscrevem na paisagem.

A estrutura do poema, dividida em quatro partes, espelha a desconexão entre sociedade e natureza. A repetição obsessiva de imagens como “caranguejos de lodo” e “flora suja” cria um ritmo circular, ecoando a perpetuação da miséria. O estilo seco e anti-lírico de Cabral reflete a austeridade do ambiente degradado: cada verso é um golpe preciso, direto e imediato, que corta ilusões sobre harmonia natural. Essa economia verbal, analisada à luz dos postulados de Yi-Fu Tuan (1980), traduz a experiência sensorial do ribeirinho, para quem o rio não é paisagem, mas extensão do próprio corpo sofrente.

A ecocrítica ilumina ainda o diálogo entre literatura e história ambiental. O Capibaribe dos anos 1950, retratado como “cão sem plumas”, antecipa em décadas a crise hídrica e social do Recife contemporâneo. O poema documenta um processo de “estagnação / do hospital, da penitenciária, dos asilos” (Melo Neto, 2012, p. 17), onde ambiente e instituições sociais compartilham a mesma lógica de abandono. A obra dialoga com Josué de Castro e seu *Homens e caranguejos* (1967), mostrando como a exploração do mangue gera pobreza cíclica – tema que ecoaria no movimento *manguebeat* dos anos 1990, com Chico Science & Nação Zumbi proclamando “da lama ao caos” (1994).

A personificação do rio como entidade doente (“ventre triste de um cão”) (Melo Neto, 2012, p. 15) desafia noções românticas de natureza, expondo-a como campo de conflito. O Capibaribe não é sublime, mas patológico: sua “água de aquoso pano sujo” (Melo Neto, 2012, p. 15) carrega tanto rejeitos urbanos quanto histórias humanas apagadas. Nesse sentido, a ecocrítica em Cabral aproxima-se do conceito de “linha abissal” de Boaventura Santos

(2021), que separa os incluídos dos “despossuídos”, condenados a viver além do direito e da visibilidade. O rio e seus habitantes são duplamente marginalizados – pela sociedade e pela crítica literária tradicional.

Assim, *O cão sem plumas* (1950) propõe uma ética do olhar ao converter a degradação em arte e denúncia. O poema, ao fundir crítica social e ambiental, convoca o leitor a uma reflexão profunda sobre responsabilidade coletiva diante do abandono. Se o rio é metáfora do corpo social, sua cura não se limita a intervenções técnicas ou ambientais, mas exige a reintegração dos “cães sem plumas” — os sujeitos marginalizados — à tessitura da cidade e da cidadania. Ao evidenciar a indistinção entre corpo humano e ambiente degradado, Cabral revela que a crise ecológica é inseparável da crise social e que a literatura pode ser, ao mesmo tempo, testemunho e instrumento de transformação. A ecocrítica, nesse contexto, mostra-se não apenas como método de análise, mas como um chamado à ação ética e política diante do caos ambiental e social.

## 2. Materiais e métodos

A etapa de Materiais e Métodos deste estudo fundamenta-se na análise qualitativa do poema *O cão sem plumas* (1950), de João Cabral de Melo Neto, a partir do arcabouço teórico da ecocrítica. O corpus principal é a íntegra do poema, considerando suas quatro partes e a totalidade de suas imagens, metáforas e construções linguísticas. O procedimento metodológico envolve a leitura atenta e sistemática do texto literário, com destaque para trechos em que se evidenciam a relação entre o ambiente natural (o rio Capibaribe e suas margens), os processos de degradação ambiental e as condições sociais dos sujeitos retratados. A seleção e análise dos excertos priorizam passagens em que a linguagem poética explicita a indistinção entre natureza e sociedade, bem como a fusão entre corpo humano e paisagem degradada, permitindo uma abordagem integrada dos elementos ambientais e sociais presentes na obra.

O referencial teórico adotado articula conceitos centrais da ecocrítica — tais como a crítica à exploração dos recursos naturais, a representação literária da crise ecológica e a noção de justiça ambiental — com estudos sobre a poesia cabralina e sua relação com o espaço nordestino. Para tanto, são mobilizados autores como Garrard (2006), Kerridge (1998) e Glotfelty (1996), que discutem a literatura como espaço de problematização das relações entre cultura e meio ambiente, além de leituras críticas sobre Cabral e a tradição da poesia social brasileira, a exemplo de Anjos (2015). O método interpretativo privilegia a análise textual detalhada, buscando evidenciar como a construção formal do poema (metáforas, ritmo, imagens) opera como crítica social e ambiental, e de que modo o texto literário pode ser lido como documento e denúncia das condições históricas e ecológicas do Recife e de seus habitantes.

## 3. Resultados e discussão

Os resultados da análise ecocrítica de *O cão sem plumas* (1950) revelam que João Cabral de Melo Neto constrói, ao longo do poema, uma profunda simbiose entre o ambiente degradado e o caos social, tornando o rio Capibaribe não apenas cenário, mas também protagonista e espelho da condição humana marginalizada. A percepção do espaço, conforme destacado por estudos baseados na teoria de Yi-Fu Tuan (1980), é central: o poema traduz a experiência sensorial e afetiva do homem ribeirinho, que adquire do meio não só a subsistência, mas também a marca indelével da exclusão e da precariedade. A paisagem, longe de ser neutra, é atravessada por sentimentos de abandono, violência e resistência, o que confere ao texto uma dimensão ética e política, além da estética.

A linguagem cabralina, com versos heterométricos e imagens concretas, opera uma despoetização radical do sertão e do rio, recusando qualquer idealização da natureza. O Capibaribe é apresentado, em sua materialidade, como “rio-lama, rio-detrimento, cuja sujeira é compartilhada pela população miserável que habita suas margens” (Amoury, 2011, p.12). Essa equivalência é reforçada por metáforas recorrentes: “Como o rio / aqueles homens / são como cães sem plumas / (um cão sem plumas / é mais / que um cão saqueado; é mais / que um cão assassinado)” (Melo Neto, 2012, p. 19), o que evidencia a indistinção progressiva entre o curso do rio e o curso das vidas humanas. O poema, assim, constrói uma topografia da penúria, em que o ambiente degradado e o homem marginalizado se tornam entrelaçados, ambos “cães sem plumas”, expressão que designa a desumanização absoluta e a exclusão radical (Anjos, 2015).

A análise do poema revela ainda que a degradação ambiental é inseparável da degradação social. O Capibaribe, descrito como um espaço físico que se transforma em símbolo do próprio processo de exclusão urbana. A lama, elemento recorrente, adquire duplo valor: é resíduo físico e retrato da invisibilidade social. Os moradores do rio, lançados ao esquecimento e privados de alternativas dignas, veem-se compelidos a ajustar suas vidas às condições adversas do ambiente, de modo que seus movimentos, seus corpos e até mesmo suas formas de ser e de se perceber no mundo são moldados pela necessidade de sobrevivência em meio à degradação. O poema, ao fundir homem e rio, denuncia a lógica de descarte que rege tanto a natureza quanto as populações periféricas, diante dessa sociedade do uso e do enjuntamento, que subjuga e só gera exclusões.

No plano simbólico, o “cão sem plumas” é uma imagem multifacetada: representa o rio, o sertanejo, o homem do manguê e, por extensão, todos os despossuídos que vivem além da linha abissal, onde a exclusão é tão profunda que não há distinção entre vida e morte, legalidade e ilegalidade. O poema, ao adotar essa metáfora radical, antecipa discussões contemporâneas sobre justiça ambiental e social, mostrando que a degradação do meio ambiente é sempre acompanhada pela degradação das condições de vida humanas.

A análise também evidencia o papel da poesia como instrumento de visibilização e denúncia. Cabral utiliza-se de uma linguagem objetiva, quase cinematográfica, para retratar com fidelidade a realidade do rio e de seus habitantes,

como se o eu poético manejasse uma lente sobre a paisagem. Essa visualidade intensa aproxima o leitor da experiência do abandono, tornando a leitura não apenas contemplativa, mas também incômoda e provocadora. O poema, assim, não se limita a narrar a crise, mas busca promover novas atitudes e percepções diante do espaço e da alteridade.

A abordagem ecocrítica, ao investigar as relações entre literatura, meio ambiente e sociedade, oferece um instrumental teórico fundamental para compreender a potência de *O cão sem plumas* (1950) como obra que articula, de modo indissociável, degradação ambiental e caos social. O poema de Cabral, ao fundir o destino do rio Capibaribe ao destino dos homens que dele dependem, exemplifica o que a ecocrítica propõe: a superação das fronteiras rígidas entre o humano e o não-humano, promovendo uma análise que integra o animal, o vegetal, o mineral e o social em um mesmo campo de sentido (Guimarães, 2024). Assim, a crise ecológica retratada pelo poeta não é apenas um problema da natureza, mas reflete, sobretudo, uma crise de humanidade e civilização, em que a exclusão social e a devastação ambiental se retroalimentam e se tornam inseparáveis.

Nesse sentido, *O cão sem plumas* (1950) reafirma o papel da literatura como agente de crítica e transformação, ao criar um espaço de reflexão ética sobre as possibilidades de integração entre sujeito e ambiente (Garrard, 2006). A ecocrítica, ao analisar obras como a de Cabral, evidencia que a representação literária da paisagem degradada é também denúncia das estruturas de abandono e exclusão que marcam a história brasileira. O poema, ao tornar visível a indistinção entre natureza e sociedade, convoca o leitor a repensar as lutas por justiça ambiental e social como dimensões complementares, mostrando que a literatura pode ser ferramenta de despertar da consciência crítica diante da crise ambiental e de suas raízes materiais, históricas e políticas (Loureiro; Layrargues, 2013).

## 5. Considerações finais

As análises realizadas ao longo deste estudo demonstram que *O cão sem plumas* (1950) transcende a mera representação poética de um espaço degradado, tornando-se um documento literário de rara potência crítica sobre as relações entre sociedade, meio ambiente e exclusão. A partir da perspectiva ecocrítica, evidenciou-se como Cabral constrói, por meio de imagens densas e linguagem precisa, uma simbiose entre o rio Capibaribe e os sujeitos marginalizados que dele dependem. O poema denuncia não apenas a devastação ambiental, mas, sobretudo, a profunda crise social que atravessa a paisagem nordestina, mostrando que a lama do rio é também a lama da história, da desigualdade e do abandono. O texto literário, assim, revela-se espaço de memória, denúncia e resistência, reafirmando o papel da literatura na problematização das urgências ecológicas e humanas.

Por fim, ao articular os conceitos da ecocrítica com a análise detalhada da obra, este trabalho confirma que a luta por justiça ambiental, tal como sugerida por João Cabral, não pode ser dissociada da luta por justiça social. O poema permanece atual e necessário ao propor uma ética do olhar e da escuta diante da paisagem degradada, convocando leitores e sociedade a repensarem suas relações com o ambiente e com o outro. *O cão sem plumas* (1950) segue como testemunho e alerta, mostrando que a literatura, ao dar visibilidade ao invisível e voz ao silenciado, é capaz de promover não apenas reflexão, mas também transformação.

## Referências

- AMOURY, R. de C. L. **Sertão, metáfora e construção poética em O cão sem plumas, O rio e Morte e vida severina de João Cabral**. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.
- ANJOS, M. dos. Cães sem plumas: os despossuídos na arte contemporânea brasileira. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 96, p. 163–175, set./dez. 2015.
- CASTRO, J. de. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Da lama ao caos**. In: \_\_\_\_\_. Da lama ao caos [CD]. Rio de Janeiro: Chaos/Sony Music, 1994. Faixa 7.
- GARRARD, G. **Ecocrítica**. Tradução de André Cechinel. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.
- GLOTFELTY, C. **Introduction**. In: GLOTFELTY, C; FROMM, H (org.). *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. Londres: University of Georgia Press, 1996.
- GUIMARÃES, J. A. O que critica a ecocrítica?: o humano, o não-humano e o sujeito ambiental. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 72, e7212, p. 1-15, 2024.
- KERRIDGE, R. **Small rooms and the ecosystem: environmentalism and DeLillo's White Noise**. In: KERRIDGE, R; SAMMELLS, N (org.). *Writing the environment*. Londres: Zed Books, 1998.
- LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 53–71, jan./abr. 2013.
- MELO NETO, J. C. de. **O rio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- RUECKERT, W. Literature and ecology: an experiment in ecocriticism. **The Iowa Review**, v. 9, n. 1, p. 71-86, 1978.
- SOUSA SANTOS, B. de. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.